

**Rumo à fronteira de Misiones:
O “Destino Manifesto” Argentino (1882-1898)**

**Towards the border of Misiones:
The Argentine "Manifest Destiny"**

Bruno Pereira de Lima Aranha¹

Resumo

O presente trabalho consiste numa proposta de análise de relatos realizados por viajantes argentinos que, tendo um ponto de partida em comum - Buenos Aires - se dirigiram a Misiones, região de fronteira no nordeste argentino e publicaram textos sobre a região nas últimas duas décadas do século XIX. A questão do avanço da fronteira – um tópico comum às novas nações americanas do século XIX – se fez presente no debate intelectual e político argentino. Um dos pontos norteadores desse trabalho é a inspiração no Destino Manifesto, uma ideologia originalmente vinculada nos Estados Unidos, a qual foi reinterpretada dentro do ambiente intelectual argentino.

Palavras-Chave: fronteira, Misiones, relatos de viajantes.

Abstract

This research is a proposal for analysis of reports made by Argentine travelers with a starting point in common - Buenos Aires – that went to Misiones border region in northeastern Argentina and published texts about it in the last two decades of the XIX century. The question of frontier advance - a common thread to the new American nations of the nineteenth century - was present in the Argentine intellectual and political debate. One of the guiding points of this work is the inspiration in Manifest Destiny, an ideology originally linked to the United States, which was reinterpreted in the Argentine intellectual environment.

Key words: frontier, Misiones, travel writings.

Artigo recebido em: 30/01/2014

Artigo aceito para publicação: 04/05/2014

Roca e o avanço das fronteiras internas²

Situada no nordeste da Argentina, Misiones é a província mais oriental do território argentino e uma das que mais tardiamente se integrou ao processo de construção do Estado nacional em meio ao contexto da política de anexação de

¹ Mestre em Integração da América Latina pelo PROLAM-USP. Graduado em História pela Universidade de São Paulo. E-mail: bruno.aranha@usp.br

² Agradeço a Stella Maris Scatena Franco Vilardaga pela leitura cuidadosa e pelos comentários que realizou durante a elaboração deste texto.

territórios ao norte e ao sul de Buenos Aires que ainda não estavam sob o controle efetivo do Estado durante o século XIX. Faz parte da região conhecida como “Mesopotâmia argentina”, justamente por localizar-se entre os rios Paraná e Uruguai rios estes que também demarcam a fronteira entre Misiones e dois países limítrofes à Argentina: respectivamente Paraguai (departamentos de Itapuá e Alto Paraná) e Brasil (sudoeste do estado do Paraná, oeste de Santa Catarina e noroeste do Rio Grande do Sul).

Atualmente é uma província argentina, mas no período colonial foi ocupada por jesuítas durante os séculos XVII e XVIII. Após a expulsão da ordem religiosa em 1767 e posteriormente, da independência do Vice Reino do Rio da Prata em relação à coroa espanhola, a região de Misiones se encontrou em um complexo contexto de jurisdição de disputas, no qual seu território orbitou sob diversas esferas de influência, tais como a dos caudilhos regionais e também de uma ocupação por parte do Paraguai. Com o desfecho da Guerra da Tríplice Aliança em 1870, os paraguaios foram expulsos da região, que a partir de então foi incorporada como parte da província argentina de Corrientes.

Misiones passou a ter importância para Buenos Aires devido à descoberta de importantes extensões de erva-mate em seu território, o que despertou um grande interesse, devido ao valor comercial desse artigo, sobretudo no final do século XIX.³ A partir desse interesse, o governo central de Buenos Aires iniciou um processo de desmembramento da província de Corrientes e posterior federalização do território com a intenção de subordiná-lo diretamente ao governo nacional, o que ocorreu no ano de 1881, com a criação do Território Nacional de Misiones. Foi somente em 1953 que Misiones tornou-se uma província argentina.

No fim do século XIX, durante o processo de federalização e ocupação desse território, considerado “periférico” – mas de certo modo estratégico - pelo governo de Buenos Aires, várias expedições e viagens foram patrocinadas pelo governo argentino, em busca de maiores informações e relatos sobre esse território de fronteira, ainda pouco explorado, e que de acordo com a mentalidade da época, era passível de desenvolvimento econômico.

³ Até então a Argentina era totalmente dependente da importação da erva-mate brasileira; com a descoberta dos ervais em Misiones, paulatinamente a produção argentina foi tornando-se auto-suficiente. Cabe ressaltar que nessa época a exploração da erva-mate consistia numa forma de produção extrativista. Somente na década de 1920 é que foram desenvolvidas técnicas do cultivo da erva-mate.

O imaginário sobre as fronteiras era algo comum às novas nações americanas dotadas de grandes espaços internos. Concomitante ao processo argentino de alargamento de suas fronteiras internas, o historiador estadunidense Frederick Jackson Turner pensou a história dos Estados Unidos a partir da história da fronteira. Para ele, o avanço da fronteira no sentido oeste é o que, ao mesmo tempo, explica e o que dá uma conotação singular à formação do país (TURNER, 2004, p. 23-54). Era também uma luta da civilização contra a barbárie que estaria representada, dentre outros elementos, pela cultura indígena. Sendo assim, os indígenas eram excluídos de tal modelo de nação. Nesse caso, encontramos uma similaridade entre o modelo proposto por Turner para explicar os Estados Unidos e o projeto de exclusão pensado pelo presidente argentino Julio Roca, cujo objetivo foi o de tomar o controle dos indígenas sobre os territórios ao sul (Patagônia) e ao norte (Chaco) de Buenos Aires.

A própria trajetória política de Roca também nos ajuda a entender tal problemática. Entre 1870 e 1874, foi *jefe de fronteras* na província de Córdoba. Após esse período, foi promovido a general pelo presidente Nicolas Avellaneda. Até 1878 atuou como *comandante general de fronteras*, tendo como base a cidade de Río Cuarto na província de Córdoba, importante posto fronteiriço e “zona de contato”⁴ onde frequentemente ocorriam conflitos entre *criollos* e indígenas desde o período colonial (OLMEDO, 2006). Ainda na gestão do presidente Avellaneda, foi nomeado *Ministro de Guerra y Marina* em 1878, onde foi o artífice da *Campaña al Desiert*⁵ na fronteira sul argentina (ÍSOLA, 1996, p. 111).

Vemos que a problemática que envolvia a fronteira era de alta significância na Argentina do século XIX. Não foi por acaso que um militar encarregado do comando de postos de fronteira tenha chegado à presidência. Misiones estava inserida nesse contexto fronteiriço, já que se tratava da fronteira nordeste da nação, além de ser também uma

⁴ Conceito cunhado por Mary Louise Pratt para designar “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações assimétrica de dominação e subordinação” (PRATT, 1999, p. 27).

⁵ Nome pelo qual ficou conhecida a guerra ofensiva contra os indígenas das etnias Mapuche e Tehuelche que habitavam a Patagônia, território ao sul de Buenos Aires que nunca esteve sob julgo espanhol, e que até então, encontrava-se controlado por essas etnias indígenas. Teve como artífice, o general Roca, que antes de assumir a presidência, ocupava o cargo de Ministro de Guerra do presidente Nicolas Avellaneda. Roca apresentou um projeto ao Congresso da Nação em 1878, cujo objetivo consistiu no empreendimento de tal guerra.

Existe um debate na historiografia sobre quem defenda a tese do genocídio das populações indígenas, caso do historiador brasileiro Gabriel Passetti (PASSETTI, 2012). Para a historiadora argentina Mónica Quijada, teria sido um processo onde o resultado foi uma aculturação dos indígenas (QUIJADA, 2002).

Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, n. 16, p. 225-248, Jan./Jul. 2014.

<http://revista.anphlac.org.br>

zona que estava em litígio com o Brasil.⁶ Sendo assim, a nacionalização desse território demandava um esforço urgente por parte de Buenos Aires.

A expansão das fronteiras também respondia aos anseios de uma classe dirigente argentina em contínua expansão. A crescente rentabilidade agropecuária na região dos pampas implicava a conquista de novas terras em nome dessa classe dirigente.

No decorrer do século XIX, em meio ao contexto da economia mundial e da Divisão Internacional do Trabalho, a Argentina se inseriu nessa dinâmica assentando suas bases produtivas no modelo agroexportador, atendendo à demanda europeia por carnes e cereais. Esse modelo agroexportador privilegiava a região dos pampas ao sul de Buenos Aires, dotado de clima temperado e de uma geografia ideal para o desenvolvimento de tal modelo produtivo. O desenvolvimento desse processo guardou estreita relação com um processo paralelo de desenvolvimento de um mercado interno que veio atender à demanda proporcionada pelo crescente poderio da elite pecuarista portenha. Dessa maneira, províncias até então dotadas de economias isoladas (a própria fragmentação da Argentina, decorrente das guerras civis do século XIX, explica esse fato) se inseriram nessa lógica do mercado interno. As províncias de Tucumán e Jujuy se especializaram na produção de cana de açúcar, enquanto que Chaco e Formosa produziam algodão. Misiones, detentora de uma grande área abundante em erva mate, se inseriu nessa lógica na qual o consumo interno da erva se acentuou cada vez mais no período. (ZOUVI, 2010, p. 3)

Em meio ao contexto do avanço da fronteira norte argentina, Misiones ainda teve a peculiaridade de ter parte do seu território em litígio com o Brasil. A criação do Território Nacional de Misiones era uma questão geopolítica, já que foi considerada também uma resposta de Roca ao governo brasileiro que havia criado colônias militares no lado brasileiro da fronteira. (GASPARINI, 2012, p. 337)

Este território era tão estratégico que o primeiro governador nomeado por Buenos Aires foi o próprio irmão do presidente Roca. Rudencino Roca era militar veterano da Guerra da Tríplice Aliança e da *Campaña del Desierto*, tendo ficado no cargo por quase dez anos.

⁶ A Argentina reivindicava um território bem maior para o que ela considerava como parte de Misiones. Esse território incluía partes do território brasileiro onde hoje se situam as partes oeste dos estados de Santa Catarina e Paraná. Para resolver esse problema de litígio de fronteira, foi convocada uma arbitragem internacional sob o auspício do presidente dos Estados Unidos, Stephan Grover Cleveland, que arbitrou em favor do Brasil em 1895, estabelecendo assim a linha de fronteira que perdura até hoje.

Os ingredientes para justificar o discurso do avanço da fronteira nordeste estavam colocados em cena: por um lado, a abundância da erva mate em Misiones possibilitava que a Argentina aspirasse a uma produção autossuficiente desse artigo.⁷ Por outro lado, a ameaça do país vizinho também pairava no ar, o que gerava um problema geopolítico que demandava uma urgente presença efetiva do Estado Argentino nessa região de fronteira.

Durante a gestão de Roca, emergiu um amplo ambiente intelectual que alicerçou as diretrizes do seu governo. Essa geração de intelectuais que posteriormente foi denominada pela alcunha de *Generación del 80*⁸, defendia posturas positivistas, simbolizando sua atuação com o lema de Auguste Comte, de ordem e progresso. Acreditavam cegamente no progresso, identificando tal conceito com o crescimento econômico e com o advento da modernidade. A ordem era considerada uma condição necessária para tal progresso, somente assim poderia ocorrer tão almejado progresso. Esse discurso legitimava uma ordem burguesa em detrimento do modo de vida camponês e de subsistência. Um valor originalmente europeu que - guardada as devidas seleções - encontrou correspondência no discurso da elite portenha. Pensando na dicotomia centro-periferia, Misiones era o alvo do discurso que negava o seu modelo de sociedade até então autônomo e considerado como periférico pelos portenhos. Tal discurso a colocava numa posição de subordinação ante o modelo de centralidade proveniente de Buenos Aires⁹.

Esses ideais encontravam-se em total consonância com as diretrizes do governo de Roca. Foi em meio a esse contexto que se inseriram as expedições dos viajantes argentinos que partiram de Buenos Aires rumo a Misiones.

Dáí resulta a especificidade de nossa pesquisa. As fontes que utilizamos neste trabalho não são relatos de europeus que se dirigiram à América - algo muito constante no século XIX - mas de argentinos que buscavam conhecer uma região de seu próprio

⁷ Para que se tenha uma ideia da dimensão da dependência das importações de erva mate brasileira, cabe citar que no ano de 1860 foram importadas 5.018.488 kg de erva do Brasil. Doze anos depois esse número subiu para 16.359.974 kg. Somente na década de 1930 do século seguinte é que a Argentina se tornou autossuficiente em matéria de erva-mate. (BOLSI, 1980, p. 128)

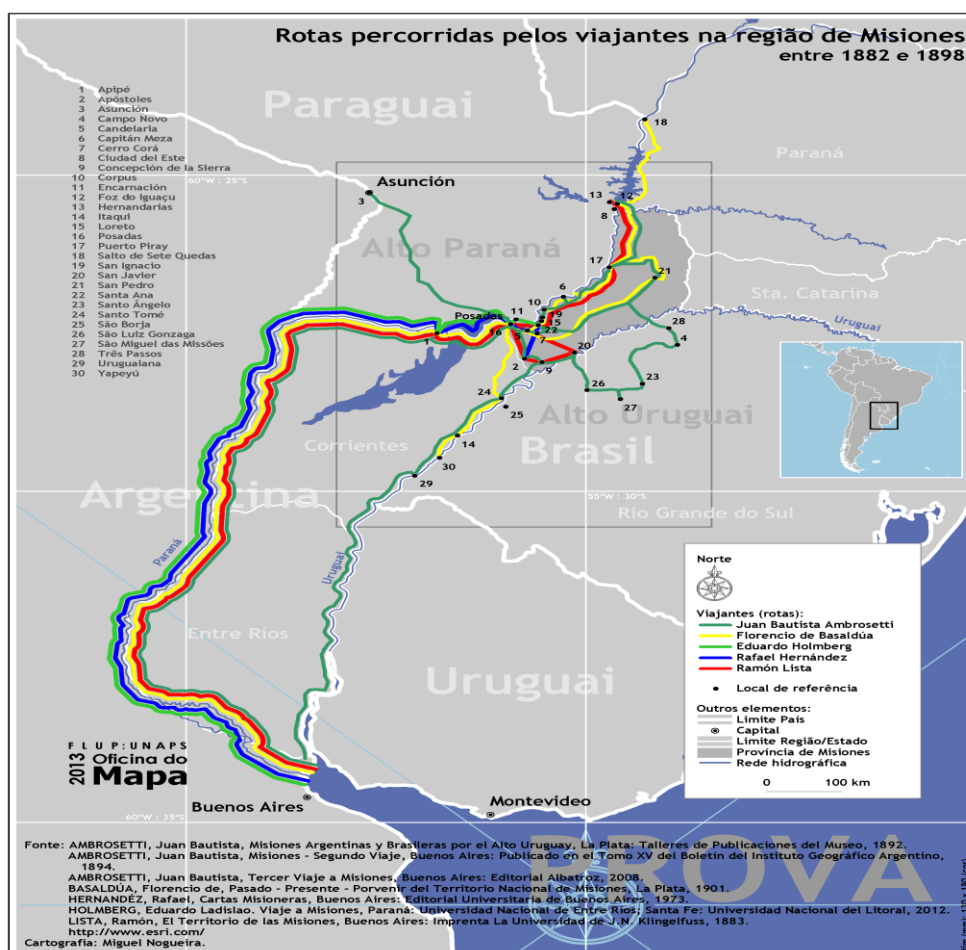
⁸ A utilização do conceito da *Generación del 80* - a qual também utilizamos no presente artigo - começou a ser usado na historiografia argentina a partir da década de 1920.

Utilizamos tal conceito para efeito de um enquadramento temporal. Já que na prática, tal conceito abarca um grupo vasto e heterogêneo dentro do âmbito político e intelectual de Buenos Aires. (BRUNO, 2004)

⁹ Pratt faz essa discussão sobre como o discurso que legitimava a ordem burguesa europeia também foi utilizado pelas novas elites americanas, incluindo a que surgiu na Argentina no século XIX. (PRATT, 1999, p. 37)

país. Tratam-se de viagens realizadas sob ordens do governo nacional e de instituições científicas semi-públicas.

A metodologia usada nesse trabalho vai de encontro ao que se vem produzindo na historiografia sobre os viajantes do século XIX. Como mostra Miriam Moreira Leite, os relatos de viagem até a década de 1970, eram utilizados como fontes sem passar por uma maior análise crítica (LEITE, 1997). Por isso enxergamos a necessidade desses relatos passarem por uma maior análise crítica, pois cada viajante possui suas intencionalidades e são marcados profundamente pelo contexto histórico no qual estão inseridos. As representações que fazem da realidade missioneira se fazem de primordial importância nessa pesquisa, que também leva em conta as intencionalidades evidenciadas nas entrelinhas do discurso dos viajantes e nos interesses particulares que mobilizaram suas representações.



Mapa 1: Rotas percorridas pelos viajantes na região de Misiones entre 1882 e 1898. As localidades correspondem aos seus topônimos atuais. O Apipé refere-se a um salto atualmente submerso que existia durante o período das expedições.

Fonte: NOGUEIRA, Miguel, 2014.

Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, n. 16, p. 225-248, Jan./Jul. 2014.
<http://revista.anphlac.org.br>

O Destino Manifesto Argentino

O termo Destino Manifesto foi originalmente cunhado nos EUA. O conceito foi utilizado pela primeira vez pelo jornalista John O'Sullivan em seu artigo intitulado *Annexation*, publicado na revista *Democratic Review*, em 1845 (O'SULLIVAN, 1845). O artigo buscava legitimar a anexação do Texas (até então território mexicano) pelos EUA. Aos poucos o termo foi ganhando maior amplitude devido ao pragmatismo de usá-lo como justificativa do avanço da fronteira oeste dos EUA pelo continente norte-americano.¹⁰

A elite argentina da década de 1880 se encontrava no contexto de um país recém-unificado e dotado de uma imensa riqueza, devido às exportações de carne e de grãos. Logo, ela também formulava o próprio Destino Manifesto. Se os estadunidenses realizavam esse processo na parte norte do continente americano, os argentinos buscavam realizá-lo na parte meridional da América. A classe dirigente portenha vislumbrava esse Destino Manifesto devido ao crescimento vertiginoso da nação durante o fim do século XIX (ÍSOLA, 1996, p. 121).

Neste contexto era fundamental a efetiva ocupação de Misiones, que nesse caso representava duas tipologias de fronteira: a econômica, representada pelo constante avanço da expansão da exploração de erva-mate, e uma fronteira política de fato, já que demarcava também o limite entre a Argentina e as nações vizinhas, Brasil e Paraguai.

Da mesma maneira que os Estados Unidos acreditavam representar uma nação eleita por Deus para levar adiante a civilização, a providência divina também era mencionada no discurso dos viajantes argentinos. Para Rafael Hernández, um dos viajantes abordados nesta pesquisa,¹¹ as escrituras diziam que o trabalho era a lei que Deus outorgou aos homens para edificarem o seu progresso. Sendo assim, era pela via do trabalho que a Argentina lograria levar a civilização a Misiones: “*¡El trabajo!. Esta es las ley que há dado Jehová á los hijos de los hombres, para su progreso, así lo dice*

¹⁰ Nesse mesmo sentido, a historiadora brasileira Mary Anne Junqueira realizou um estudo sobre como as representações sobre a América Latina, construídas pela revista *Reader's Digest*, buscavam justificar o avanço estadunidense não só pela América do Norte, como também por todo o continente latino-americano (JUNQUEIRA, 2000).

¹¹ Rafael Hernández, irmão do escritor José Hernández, foi enviado como agrimensor a Misiones em 1883 pelo governo de Buenos Aires através da *Oficina Central de Tierras y Colonias*. O motivo da sua expedição era a mensuração de duas novas colônias no Alto Paraná: Santa Ana e Candelaria. Ao mesmo tempo, publicou relatos sobre Misiones no jornal *La Tribuna Oficial* (o jornal oficial do governo Roca). Posteriormente, a pedido do próprio Roca, seus relatos foram compilados em forma de livro sob o título *Cartas Misioneras*.

la Biblia; luego es verdade; porque si el mundo es la obra de Dios, la Escritura es su palabra.” (HERNÁNDEZ, 1973, p. 59)

Nessa mesma direção, convocava os seus leitores portenhos para a realização do “empreendimento civilizatório” na “terra prometida” de Misiones; *¡! Ea! Gobiernos, empresarios, Ingenieros! Aquí teneis una tierra de promision. Cortinas de verde follage y portadas de nenúfares cierran el camino: ¿no habrá entre vosotros un animo emprendedor para franquearlo?* (HERNÁNDEZ, 1973, p. 140-141)

Florencio de Basaldúa, outro viajante trabalhado,¹² denominou Buenos Aires como a “grande capital do sul”, predestinada a levar o progresso e a civilização através das águas do rio Paraná. Nota-se uma aura de sacralidade no momento em que comparava o surgimento da civilização nas margens do Paraná ao despertar de Lázaro diante de Jesus Cristo. Além do que, o progresso para Basaldúa, era obra de um ser onipotente comparável somente a Deus:

Nada diré de la transformación que las orillas del gran rio han sufrido en estos últimos veinte años, surgiendo como por mandato de un hada omnipotente — el hada de la industria— aquí una gran usina de papel, allí una fábrica de aceite, allá una frigorífica para exportar anualmente dos millones de carneros congelados; más lejos un elevador de granos, para llevar á los mercados del Brazil y Europa, de tierra empobrecida, el trigo indispensable á su alimentación; y aquí, y allí, y allá, cerca y lejos, vapores que surcan las aguas del Paraná, y trenes que corren sobre sus barrancas, uniendo la gran, capital del Sud con sus hijas, nacidas á la vida de la civilizacional mágico despertar del silbato de las locomotoras, y al fulgurar de la luz eléctrica. Así el Lázaro bíblico despertó á la voz de Jesús, el sabio mártir. (BASALDÚA, 1901, p. 11)

Para os dois viajantes acima citados, essa suposta lei divina não estaria reservada de forma exclusiva aos estadunidenses. O mundo era obra de Deus, e todos os seus filhos teriam o pleno direito de realizar o progresso. Vendo pela perspectiva de Hernández e Basaldúa, os EUA não eram a única nação eleita, mas os argentinos também possuíam o direito divino de levar adiante o processo civilizador para dentro de seu território.

As comparações com o processo civilizador ocorrido no oeste dos EUA são uma constante nos relatos dos viajantes. Em suas expedições pelo Alto Paraná, outro

¹² Florencio de Basaldúa nasceu na parte espanhola do País Basco, mas depois de emigrar, naturalizou-se argentino. Representou a Argentina nas Exposições Universais de Chicago (1893) e de Paris em 1900. Foi cônsul argentino em Calcutá na Índia, além de ter sido governador do então Território Nacional de Chubut em 1900. Contando com o apoio do Instituto Geográfico Argentino, realizou uma expedição a Misiones entre 1897 e 1898 com vistas a coletar produtos que pudessem ser expostos na Exposição Universal de Paris. (REGGINI, 2008)

viajante, Juan Bautista Ambrosetti¹³, comparou o contexto da selva misionera ao existente no oeste estadunidense. Da mesma maneira que a figura do *pioneer* representava o avanço da civilização em meio à “barbárie” do oeste, o viajante readequou tal conjuntura para o espaço misionero. Para ele, os colonos instalados no Alto Paraná eram os *pioneers* argentinos encarregados de fomentar o Destino Manifesto Argentino. Isso se mostrou evidente no fato de ter usado a própria nomenclatura inglesa *pioneer* em seu relato: “*¡Qué buena gente aquella! Todos hombres de trabajo, cargados de familia y viejos pobladores del lugar, cada uno con su historia de infortunios y con su odisea de pioneers*” (AMBROSETTI, 2008, p. 86).

Quando cruzou a fronteira, já em território brasileiro, a comparação com os Estados Unidos continuou presente em seu relato. Para ele, a Colônia Militar de Foz do Iguazu¹⁴ representava o avanço brasileiro no sentido oeste de seu território:

En la Colonia se notaba bastante movimiento. Aquel Pueblo formándose en medio de la selva virgen tenía algo de norteamericano.

Por todas partes el sonido seco del hacha al herir los árboles, el ruido terpitante finalizado con el golpe rudo junto con la quebrazon de ramas de estos al caer, semejante á una fuerte detonación, los gritos de trunfo de los hacheros, el chisporroteo de los rozados al arder, semejante á un fuerte tiroteo entre espesas columnas de humo y al lado de eso, las sierras, martillos, etc., funcionando en la construcción de los ranchos, y el chillido de las alzaprimas tiradas por bueyes transportando madera, llenaba de animación en la construcción de los ranchos[...] (AMBROSETTI, 1894, p. 133).

Seria essa uma ameaça ao Destino Manifesto Argentino? Para Ambrosetti, o fato dos brasileiros estarem construindo colônias no Alto Paraná denotava que a Argentina estaria perdendo essa corrida civilizatória para o país vizinho, que estendia o seu processo civilizador até a sua fronteira oeste, logo em frente à fronteira nordeste argentina ainda não ocupada:

Ese espectáculo era muy bello para que no dejase de mortificarme al compararlo con el otro salvaje que ofrecia la costa Argentina del otro lado del Iguazú, cuando um poco de buena voluntad de parte del

¹³ Juan Bautista Ambrosetti é considerado o pai da Antropologia latino-americana. Empreendeu três expedições a Misiones a serviço do *Museo de La Plata* e do Instituto Geográfico Argentino entre 1891 e 1893. Teve uma relação muito próxima a Eduardo Ladislao Holmberg, do qual acabou tornando-se genro.

¹⁴ A Colônia Militar de Foz do Iguazu foi fundada em 1889 sob a égide da administração militar do Império Brasileiro. Era parte de um amplo projeto de assegurar o domínio brasileiro nas regiões de fronteira. (FREITAG, 2007)

Gobierno Nacional podria hacerse en muy poco tempo lo mismo y más. (AMBROSETTI, 1894, p. 133-134)

No rio Paraná, a costa argentina ainda considerada como “bárbara” pelo viajante, urgia pelo processo civilizador, e Ambrosetti cobrava medidas por parte do Estado. Se pelo lado brasileiro da fronteira o Estado já se fazia presente, no lado argentino a falta da presença do Estado chamou a atenção dos viajantes.

Outro viajante, Ramón Lista¹⁵ ressaltou de forma indireta a falta de autoridades estatais na região do Alto Paraná:

No han sido determinados todavia los puntos mas convenientes para fijar el asiento de las autoridades locales que deben administrar cada Departamento; pero existen ya comisiones municipales en Santa-Ana, Concepcion y San Javier, y por médio de ellas se recauda la renta pública (LISTA, 1883, p. 33).

A essa altura Misiones estava dividida em cinco departamentos: San Martín, San Javier, Monteagudo, Piray e Iguazu. Das três autoridades citadas por Lista, duas se localizavam no Alto Uruguai (Concepción e San Javier). Ainda que Santa-Ana estivesse localizada no Alto Paraná (região oeste do departamento de Iguazu), na parte leste não havia nenhuma autoridade estatal. Era justamente a região do rio Iguazu, onde estava a fronteira com o Brasil - região esta que Ambrosetti denominava como selvagem e despovoada em comparação ao lado brasileiro, onde já existia o núcleo urbano de Foz do Iguazu. Para os viajantes, a presença do Estado era extremamente necessária, não somente em Posadas - capital de Misiones - mas também nos rincões da selva do extremo oriental do território, justamente por ser uma área fronteira ao Brasil.

¹⁵ Ramón Lista foi um conhecido explorador e político na Argentina oitocentista. Após ter realizado explorações pela Patagônia, foi enviado pelo presidente Roca para uma expedição oficial de reconhecimento a Misiones em 1882. Lista também foi governador do então recém-criado Território Nacional de Santa Cruz, na Patagônia, entre 1887 e 1892.



Mapa 2: Mapa argentino datado de 1882 onde o então Território Nacional de Misiones incluía as áreas a leste dos rios San Antonio e Pepirí Guazú, equivalentes atualmente às partes oeste dos estados do Paraná e de Santa Catarina.

Fonte: (AMABLE, ROJAS e BRAUNIG, 2011, p. 154)

O ideário da expansão das fronteiras argentinas era algo que permeava tanto a esfera governamental, como também a esfera intelectual da época. A questão do avanço da civilização sobre um mundo classificado como bárbaro e desconhecido, era de primordial importância para os viajantes. Para além de pensar na fronteira política com o Brasil, era necessário avançar a civilização selva adentro, justamente para impedir que a fronteira política do vizinho avançasse em direção ao território argentino.

Essa ideia corrobora com a teoria de Turner, que explica o avanço da fronteira dos Estados Unidos pelo avanço rumo ao oeste. No entanto, para o caso estadunidense, não havia a presença de nenhum Estado vizinho junto às suas fronteiras do oeste. O que deveria ser anexado era um território considerado “virgem e bárbaro” (AVILA, 2006, p. 69).

No caso argentino, a marcha do progresso rumo a um território obscuro e desconhecido conflitava com a seguinte situação: a falta de povoamento sedentário.

Colonizando Misiones

Era imperativo levar o progresso para a fronteira misionera, e a política da colonização era considerada como uma das principais estratégias nesse empreendimento civilizador nacional. Pensamento este que remonta à conhecida frase de Juan Bautista Alberdi pronunciada em meados do século XIX: “*gobernar es poblar*” (ALBERDI, 2013, p. 116).¹⁶

Considerando a perspectiva positivista da época, a baixa densidade demográfica era vista como um empecilho para o progresso. Augusto Comte afirmava que em um ambiente com baixa densidade demográfica, não seria possível o desenvolvimento do intelecto ideal para o progresso. Uma região com população esparsa estaria condenada a uma “subalternidade primitiva” (COMTE, 1989, p. 143 apud GALETTI, 2000, p. 58). O geógrafo alemão Friedrich Ratzel, partindo desse mesmo contexto positivista, afirmava que: “a densidade populacional produz não somente continuidade e certeza de um forte crescimento mas também um imediato progresso da civilização [...]”. (RATZEL, 1891 apud GALETTI, 2000, p. 59)

Colonizar Misiones era uma necessidade de primeira ordem. Estabelecer núcleos urbanos era uma premissa essencial para se atingir o estágio da civilização. A problemática da colonização se mostrava evidente nos relatos dos viajantes e mostrava o quanto era uma de suas principais preocupações.

Logo na segunda página de seu relato, Lista apontou tal necessidade: “*Ningun país mas naturalmente preparado para la colonizacion, que las Misiones*” (LISTA, 1883, p. 4). Hernández tocou nessa problemática ao enviar uma carta ao presidente Roca em 1887, carta esta que se encontra anexada a seu relato: “*Al reproducir mis cartas misioneras en forma de libro, lo hago con el deseo de cooperar á la obra benéfica emprendida por su gobierno para la colonización de aquella zona importante del Territorio Argentino*” (HERNÁNDEZ, 1973, p. 3)¹⁷

Logo na primeira página de seu terceiro relato, Ambrosetti anexou uma carta enviada pelo presidente Sáenz Peña, que deferia recursos para a expedição. A colonização a ser realizada pela via do incentivo à migração ao território era uma das preocupações do presidente argentino. Um dos objetivos confiados a Ambrosetti pelo

¹⁶ Alberdi foi um político, diplomata, escritor e um dos mais influentes ativistas liberais argentinos de seu tempo. Sua obra *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina* serviu de inspiração para a elaboração da Constituição da Argentina de 1853.

¹⁷ Grifo do autor.

presidente residia na coleta de informações que pudessem colaborar com tal política de Estado:

En mérito de las consideraciones aducidas por el Instituto Geográfico Argentino, manifestando haber confiado al Sr. Juan B. Ambrosetti y dos ayudantes el estudio y exploración de las Misiones, y resuelto enviar algunas expediciones, a fin de que recolecten el mayor número de datos exactos, sobre la naturaleza y riqueza de los territorios nacionales, su colonización, historia, arqueología y etnografía, con el fin de completar en lo posible sus respectivas descripciones, las que publicadas, servirán de propaganda a la inmigración[...]. (AMBROSETTI, 2008, p. 23)

Tal problemática também foi mencionada por Lista:

“La importancia de esa region, es indiscutible en todos respectos y especialmente bajo el punto de vista de la colonizacion. Sus numerosos arroyos pueden servir á la vez como canales de irrigacion y como fuerzas motrices aplicables á la indústriá.” (LISTA, 1883, p. 51-52)

A problemática da colonização também estava associada à questão da identificação dos pontos estratégicos a serem colonizados. Esse fator desembocava na necessidade do mapeamento de Misiones e da localização dos pontos estratégicos para essa colonização.

O rio Paraná, considerado como via arterial da comunicação entre Buenos Aires e Misiones, era a referência natural para a realização dessa colonização, um ponto estratégico para as comunicações entre Buenos Aires e a fronteira nordeste da Argentina: “[...] la zona regada por el Paraná, donde la temperatura es mas constante y mas fáciles los médios de comunicacion con el resto de la República” (LISTA, 1883, p. 106).

A ocupação das margens do Paraná era algo impreterível. Mesmo os planos de ocupação, interior adentro, haviam que tê-lo como referência. Se uma povoação se localizasse a leste do rio, no sentido da fronteira com o Brasil, era necessário que a localidade tivesse uma conexão com o Paraná pela via de algum afluente ou por uma picada¹⁸ aberta dentro da selva misionera, representando assim o avanço simbólico da civilização a partir do rio Paraná rumo à selva misteriosa e desconhecida.

Fazendo referência ao informe de Samuel Navarro, então *Comisario General de Inmigración*, Lista mencionou o fato das cidades situadas às margens do rio Uruguai

¹⁸ Denominação para um caminho estreito aberto em meio à mata.

terem retornado ao estado primitivo da natureza após o período jesuítico. Era uma alerta sobre como era necessária a retomada do curso da civilização desse território pela via da colonização:

Los terrenos de Apósteles, Mártires, Concepcion, Santa Maria y San Javier, vueltos ao estado primitivo de la naturaleza por el descanso forzado de mas de cien años, despues de cultivado durante el mismo período bajo la direccion de los P.P. Jesuitas, se encuentran actualmente en la disposicion mas favorables para la colonizacion, que nada tiene que arriesgar por ensayos allí, donde la agricultura llevada por largo tiempo á un desarrollo fabuloso, se representa al presente de una manera que assombra, bajo el impulso de la inmigración espontânea, que iniciada desde la guerra del Paraguay, aumenta con alguna rapidez. (LISTA, 1883, p. 109)

Resultado direto das expedições realizadas por Lista pelo Alto Paraná, foi o decreto emitido pelo presidente Roca para a construção de duas novas colônias em Misiones, que foram mensuradas por Rafael Hernández:

Ministerio del Interior

Buenos Aires, Febrero 20 de 1883.

Resultado de las exploraciones ultimamente practicadas en el territorio de Misiones, que existen zonas adecuadas para la colonizacion, y siendo conveniente promover en ellas el desarrollo de la agricultura, el Presidente de la Republica –

Decreta

Art. 1º El Departamento de Ingenieros Civiles contratará la mensura de dos colônias de cien quilômetros cuadrados de superficie cada uno en los puntos que resulten mas convenientes dentro del territorio de Misiones.

Art. 2º Para la eleccion de esos puntos se tendrá en consideración la proximidade a las vias de comunicacion, la adaptabilidad del terreno para la agricultura y si fuese posible, la vecindad de un centro de poblacion.

Art. 3º Si existiesen algunas poblaciones que pudiesen tomarse como base de las colônias, se elejirán preferentemente de los terrenos de sus alrededores para ubicarlas.

Art. 4º La mensura y subdivisión del terreno se hará de conformidad con lo dispuesto por la ley de Inmigracion y Colonización, y se expedirán instrucciones al agrimensor en la parte que respectivamente les corresponda por los Departamentos de Ingenieros Civiles y de Agricultura y por la Oficina Central de Tierras y Colonias, previniéndosele en ellas, que para la eleccion del lugar en que se trazarán las colônias, debe atender tambien las indicaciones del Gobernador del territorio de Misiones.

Art. 5º El gasto que origine esta mensura se imputará á la ley de 3 de Noviembre de 1882.

Art 6º Comuníquese, publíquese é insértese en el Registro Nacional.
(Firmado) – ROCA

Bernardo de Irigoyen (LISTA, 1883, p. 107-108)

O decreto deixava claro que a eleição da localização dessas novas colônias se daria mediante a proximidade com as vias de comunicações que a essa altura eram essencialmente fluviais. Por isso que a ocupação das margens do Paraná era um caminho natural para a expansão da presença argentina no Alto Paraná. A construção das novas colônias de Santa Ana e Candelária representavam um marco simbólico dessa conquista, já que eram até então, os núcleos urbanos mais avançados no Alto Paraná.

No entanto, as impressões que o viajante Eduardo Holmberg¹⁹ manifestou no momento de sua estada em Santa Ana, então recém-mensurada por Hernández, não eram nada positivas. Para ele, a civilização não se fazia presente na localidade, pois não havia urbanização suficiente: “La Colonia Santa Ana es un villorio miserable en su aspecto. Todas las casas son de palos, muy simplemente relacionados los unos con los otros, las paredes de barro y el techo de paja. Son ranchos.” (HOLMBERG, 2012, p. 200)

Se, por um lado, as costas do Paraná eram o caminho natural para o avanço da civilização, o interior misionero com a sua selva impenetrável representava um grande vazio demográfico que atraía o imaginário dos viajantes para a região, vista como um campo fértil para o avanço do processo civilizador. Holmberg inclusive defendeu a ideia do transladamento de Santa Ana das margens do Paraná para a região de Loreto, no sentido leste de Misiones, rumo ao interior: “La Colonia Santa Ana no necesita ensanche; lo que necesita es ser suprimida de donde está, transportándola a otra parte, más allá de Loreto, en el bosque virgen, primitivo, donde las calpas de húmus se cuentan por metros” (HOLMBERG, 2012, p. 201).

A conquista do lado oriental de Misiones era uma questão ambígua, já que avançar selva adentro representava a conquista efetiva de um território litigioso com o Brasil. No entanto, a legislação que Buenos Aires impunha sobre Misiones - no que tocava a exploração da erva mate - prejudicava o povoamento da região leste misionera. As leis que proibiam o povoamento das áreas próximas aos ervais tiveram como

¹⁹ Eduardo Ladislao Holmberg foi um botânico muito atuante no círculo científico de Buenos Aires entre o final do século XIX e início do século XX. Quando tinha 26 anos, participou da Comissão Científica que acompanhou as tropas do então general Roca pela Patagônia, no episódio conhecido como *La Campaña al Desierto*. Em 1884, realizou uma expedição de reconhecimento pelo sul da província de Buenos Aires a pedido do próprio governador da província, Dardo Rocha. Empreendeu uma expedição a Misiones em 1886 com o apoio parcial da *Academia Nacional de Ciencias*.

consequência direta a perda do território litigioso para o Brasil. Isso explicaria o fato do presidente Cleveland ter usado a teoria do *Uti Possideti*²⁰ para justificar a maior presença de brasileiros na zona litigiosa (AMABLE, 1989, p. 137).

Outro fator que contribuía para o despovoamento da região era a questão do latifúndio. Esse problema remontava aos conflitos existentes entre Buenos Aires e a província de Corrientes pela posse de Misiones. Sabendo que perderia a jurisdição sobre o território, o governo de Corrientes se apressou em vender grandes extensões de terras a particulares, criando assim latifúndios que inclusive se estendiam para áreas que viriam a ser território brasileiro. No momento em que ocorreu a federalização de Misiones no final de 1881, o governo de Buenos Aires herdou um território que estava majoritariamente concentrado nas mãos de apenas trinta e oito compradores (ZOUVI, 2010, p. 12-13).

O latifúndio era considerado um entrave ao processo civilizador. O agrimensor Rafael Hernández fez duras críticas ao problema, já que isto afetava diretamente o seu trabalho. A projeção das novas colônias esbarrava no problema de não poder tocar nesses terrenos particulares:

Para fundar las dos colonias de Candelaria y Santa Ana, que solo ocupan 8 leguas cuadradas, he tomado todo el terreno fiscal que existia en una extension de mas de cincuenta léguas de Este á Oeste, sobre la ribera del Alto Paraná, y aun me há sido necessário proceder á la expropiación de una parte.

No me parece, pues, aventurado decir, que el progreso de esta rica comarca está encerrado dentro del interesés de algunos señores feudales. (HERNÁNDEZ, 1973, p. 148)

No caso específico de Candelária:

No se há completado en esta colônia la extension de cuatro léguas kilometricas, por cuanto el terreno fiscal no alcanzaba y fué necessário tocar una propiedad particular, que ocasionó la protesta de D. Felisario Enriquez [...]. (HERNÁNDEZ, 1973, p. XIV)

Mesmo sendo um enviado direto do governo de Buenos Aires, Hernández não poupou críticas a esse grave problema, que em sua opinião atrasava o progresso de Misiones.

²⁰ *Uti Possidetis* é um princípio de direito internacional segundo o qual os que de fato ocupam um território possuem direito sobre este. A expressão advém da frase *uti possidetis, ita possideatis*, que significa "como possuís, assim possuais". Proveniente do direito romano, o princípio autoriza uma parte a contestar e reivindicar um território.

Lista, em seu capítulo dedicado ao tema da colonização de Misiones, não mencionou em nenhum momento a existência dos latifúndios herdados da província de Corrientes. Inclusive sugeriu a implementação do cultivo da cana-de-açúcar nas margens do rio Paraná, área ocupada majoritariamente por latifúndios:

Sébase que en Misiones crece la caña Dulce con rapidez asombrosa, sin exigir los cuidados que en otras partes del mundo.

Los cañaverales que he visto sobre las margenes del Paraná y del Uruguay, algunos de ellos de mas de diez años de edad, sorprenden por su lozanía y altura. Hay cañas que miden hasta seis metros de longitude.

Esas gigantescas gramíneas crece bien en la mayor parte de los terrenos, con tal que estén provistos de la humedad necesaria; pero debe preferirse, no obstante, la zona regada por el Paraná, donde la temperatura es mas constante y mas fáciles los médios de comunicacion con el resto de la República. (LISTA, 1883, p. 105-106)

Ao subir o Alto Paraná e entrar em Misiones, Holmberg realizou sua primeira parada na capital Posadas. O viajante logo lançou impressões negativas a respeito da cidade. Para ele o progresso se fazia difícil naquela região justamente pela existência do latifúndio. Para Holmberg, o cultivo de açúcar nas margens do Paraná possivelmente poderia trazer o progresso para a região. No entanto, contrariando o que foi relatado por Lista, tal empreendimento não seria possível devido justamente à existência de grandes latifúndios que compreendiam boa parte da costa do Paraná desde a altura do arroio Itaembé (situado na cidade de Posadas) até a altura da desembocadura do rio Iguazu (ambos os rios afluentes do Paraná). Ou seja, toda a costa argentina do Alto Paraná estava ocupada pelo latifúndio. Dessa maneira, notamos que o projeto da colonização do Paraná entrava em contradição sob a ótica dos dois viajantes citados. Se por um lado, Lista não mencionou a existência desses grandes proprietários, Holmberg apontou essa concentração de terras para justificar o atraso na região:

El cultivo de Caña de azúcar ofrece a Posadas un aumento considerable de población, una vez que todos los terrenos apropiados se cubran con el citado vegetal. Pero hay más de um inconveniente para esto. Por el momento sólo hay dos clases de terrenos apropiados, siéndolo especialmente la costa del Paraná, y en segundo término, la falda tropical de los cerros. Pero no todos los cerros son adaptables a ello y, en cuanto a la costa del Paraná, eso ya es cuestión más seria. Desde el comienzo ribereño de Misiones, en la boca del Itaembé, hasta su fin, em la boca del Iguazú, toda la costa pertenece a cuatro o seis propietarios, algunos de los cuales sons dueños hasta de 250 leguas (aunque no todo sea costa), y otros, según se afirma con

generalidade, hasta de 365 leguas. Hay pequenas porciones excluídas, por cuanto hasta ellas no alcanza el domínio de los ricos propietarios, pero esto nada significa, porque pasando el domínio particular de los colonos, habitantes fijos del solar señalado, ellos no aumentarán seguramente la población de Posadas. (HOLMBERG, 2012, p. 108)

Seguindo mais ao norte do Alto Paraná, a 200 km de Posadas, se localiza Puerto Piray. A essa altura era considerado um importante porto no rio Paraná por ser o local por onde era escoada toda a produção de erva mate da região de San Pedro, localizada no lado oriental de Misiones, próximo à fronteira com o Brasil. Ambrosetti, ao passar pela região denunciou o mesmo tipo de problema que Holmberg descreveu a respeito de Posadas. O latifúndio era um problema que acarretava que Puerto Piray não lograsse desenvolvimento como um efetivo núcleo urbano:

No hay ni una casa de negocio, nada absolutamente que indique que alli pueda formarse un núcleo de población, siendo un punto tan importante que pone en comunicacion el interior de las Misiones con toda la costa [...] en esta parte de Misiones es muy difícil que pueda haber progreso, por las grandes estensiones de campo que poseen algunos pocos propietarios que no se preocupan de ellos, al punto que muchos ni siquiera los han visto; lo único que se hace, es una explotacion salvaje de yerbas y maderas sin sembrar una cuarta de tierra. (AMBROSETTI, 1892, p. 109)

Puerto Piray era apenas um entreposto ervateiro. Após a safra da erva mate o porto era abandonado e não havia outro atrativo que pudesse sedentarizar alguma população nessa localidade. Seguindo os ditames positivistas, Ambrosetti relatou que após o término da safra, a barbárie voltava a cobrir um local que seria apto para a civilização. A exploração ervateira era um sistema cíclico. A barbárie sempre retornava após o fim da safra de erva-mate. A passagem a seguir retrata essa luta constante entre civilização e barbárie:

Hoy entran á trabajar á los yerbales doscientos hombres y despues de la zafra todos se retiran, las picadas abiertas vuelven á cerrarse, la naturaleza recupera sus domínios momentaneamente invadidos y los tigres tatetos, venados, etc., se pasean tranquilamente donde el hombre derramó su sudor[...]. (AMBROSETTI, 1892, p. 110)

A lógica positivista do progresso linear também foi apontada por Ambrosetti no momento de sua estada em San Ignacio, outra localidade situada nas margens do Paraná. Uma vez mais o latifúndio era apontado como a causa do retardamento do progresso. Tratava-se de uma corrida civilizatória que poderia ser retardada ou retomada

conforme as medidas empregadas. Nesse caso, eram as medidas que tocavam às questões de urbanização e do povoamento de San Ignacio:

Ese error de los que debieron anteponerse a las miras egoístas de los grandes propietarios, lo ha pagado bien caro el territorio de Misiones, puesto que ha atrasado en veinte años su progreso material, destruyendo mucho de lo ya hecho, y sofocando un gran número de belas iniciativas. (AMBROSETTI, 2008, p. 78)

Para Basaldúa, Misiones era um lugar onde imperava o latifúndio, fato este que trazia graves malefícios para a Argentina. Mas sua posição é ambígua na medida em que sugere a colonização apenas das terras pertencentes ao Estado. Quando faz menção a Domingo Barthe²¹ um dos grandes latifundiários de Misiones, a descrição é positiva. Citou o latifúndio desse proprietário como se fosse um próspero reino europeu. Essa contradição pode ser explicada pela própria origem basca de Barthe. Ainda que estivesse radicado na Argentina, o viajante carregava consigo o nacionalismo basco: “[...] Barthe merece mención especial, no solamente porque reúne las condiciones generales de audacia, perseverencia, laboriosidad y honradez que caracterizan la raza eskalduna [...]” (BASALDÚA, 1901, p. 72)

Tudo o que viesse a remeter à sua pátria natal era apontado como algo positivo e que naquela situação em particular, favoreceria o progresso na Argentina: “Si fuera permitido alterar los nombres geográficos diríamos que el Ato Paraná debería llamarse Río de los Baskos, tal es la cantidad y la alcúrnica de los que lo descubrieron primero, lo exploraron después, y lo pueblan actualmente.”²² (BASALDÚA, 1901, p. 110) Esse ponto o diferenciava dos outros viajantes nacionais. Mas no que tocava ao processo civilizador argentino, o pensamento do viajante basco era similar ao dos outros viajantes nascidos na Argentina:

El latifundio, contrario á las doctrinas democráticas, es ya un mal grave en la República Argentina; pero en Misiones asume gravísimos caracteres, porque la inmensa extensión de territorio há sido vendida, á la marchanta entre curas y sacristanes, y puede decirse que en Misiones hay sólo diez propietarios, con centenares de léguas muchos de ellos.

Quedan todavía, en el centro, entre las sierras, en lo más alto, lo más fresco, lo más fértil y lo más rico, unas cuatrocientas léguas cuadradas

²¹ Domingo Barthe foi um dos homens mais poderosos de Misiones. Nascido na região basca da França radicou-se em Misiones em 1867, onde desenvolveu atividades ligadas à indústria dos vapores e à exploração da erva mate.

²² Grifo do autor.

de campos fiscales: si el Gobierno, dividiéndolas en lotes, las entregara á familias agricultoras, á plazos convenientes, afluirían ali millares de colonos. (BASALDÚA, 1901, p. 72)

A contradição permaneceu em meio às suas expedições pela costa do Alto Paraná, uma área dotada de grandes latifúndios. Para Basaldúa, somente a colonização espontânea traria o progresso para “los desiertos de Misiones” (BASALDÚA, 1901, p. 141). Para alcançar esse fim: “es necesario reservar toda la tierra pública, subdividirla en pequenas parcelas, y entregarlas á precios de ley exclusivamente á los colonos.” (BASALDÚA, 1901, p. 135) Na verdade, o âmago da questão era de que as terras públicas seriam uma pequena fração do território misionero, se comparado com a grande quantidade de território em poder de alguns latifundiários.

Para os viajantes, era necessário expandir a ocupação para além da costa do Paraná, era fundamental expandir a colonização para o interior misionero. Cerro Corá era uma importante localidade que conectava o Paraná com o rio Uruguai no fim do século XIX. A picada que ligava os dois rios era uma rota estratégica que poderia fomentar a ocupação do interior. Quando Ambrosetti visitou a localidade, relatou que o povoamento realizado ali de forma espontânea estava sendo ameaçado pelos agrimensores de Buenos Aires, que julgavam aquela área como uma propriedade privada:

Toda esta población se ha instalado allí espontáneamente, a pesar de las vicisitudes por las que han tenido que pasar, sin seguridades de ninguna especie y expuestos cualquier día a que un decreto del Ejecutivo, arrancado por sorpresa, los considerara como intrusos. (AMBROSETTI, 2008, p. 41)

Para Ambrossetti, a ocupação do interior era fundamental. Era a partir de localidades como Puerto Piray e Cerro Corá, que a civilização poderia seguir avançando rumo à parte oriental de Misiones. Era uma lógica positivista similar ao da expansão estadunidense elaborada por Turner na mesma época, já que segundo este autor, o contínuo avanço da linha de fronteira da civilização rumo ao oeste representaria um novo desenvolvimento para a área conquistada. (TURNER, 2004, p. 24)

Algumas conclusões

A problemática de ocupar a fronteira misionera era uma unanimidade entre os viajantes e os homens das mais altas esferas do governo argentino. Foi considerada de suma importância pelos presidentes Roca e Luis Sáenz Peña que deram total suporte às

expedições. A pertinência de tal problemática é constatada em todas as viagens, estivessem elas ligadas diretamente ao governo (caso de Lista e Hernández), ou ligadas de forma indireta, através de instituições semi-públicas como o Instituto Geográfico Argentino e o *Museo de La Plata* (caso dos demais viajantes).

Apesar da uniformidade de ideias, o processo de ocupação da fronteira foi dotado de um alto grau de complexidade devido ao problema da existência dos latifúndios privados, cuja herança remontava às disputas pela posse de Misiones entre Buenos Aires e Corrientes.

Se no imaginário dos viajantes o exemplo do avanço da fronteira oeste dos EUA deveria ser seguido, na prática, a ocupação de Misiones esbarrava no problema da existência dessas grandes propriedades privadas.

O fato é que esses proprietários eram, em sua maioria, portenhos que não tinham interesse que suas terras fossem fracionadas - o que contrariava o pensamento dos viajantes que acreditavam que somente com a ocupação e urbanização da fronteira seria possível tornar Misiones de fato civilizada. Um desses proprietários era José Gregório Lezama²³ que inclusive patrocinou a expedição do italiano Giacomo Bove, a qual tinha entre os seus objetivos, o reconhecimento das propriedades de Lezama na região de Iguazu (ALCARÁZ, 2007, p. 117).

O grau de complexidade da dinâmica de ocupação da fronteira misionera vai além dos interesses desta elite proprietária portenha. A essa altura já se gestava o surgimento de uma elite misionera, baseada em Posadas, e que também nutria interesses que entravam em conflito com o discurso dos viajantes portenhos.

O principal representante dessa elite misionera foi apontado por Basaldúa. Tratava-se de Domingo Barthe, cujos interesses na exploração da erva-mate faziam com que fosse contra a ocupação e povoamento da selva misionera (ALCARÁZ, 2013). No entanto, Basaldúa em nenhum momento realizou críticas ao latifundiário pelo simples motivo de sua origem basca, o que encontra eco no nacionalismo romântico do século XIX que influenciou fortemente o discurso de viajante. Embora fossem originários de países diferentes (Espanha e França), a nação Basca fazia o elo entre o viajante e o latifundiário. Apesar dessa peculiaridade, há que se ressaltar que o discurso de Basaldúa estava em total consonância com os demais viajantes que desejavam levar o progresso e a civilização para Misiones.

²³ Nascido em Salta, mas vivendo a maior parte de sua vida em Buenos Aires, foi um dos maiores proprietários de terras e detentor de uma das maiores fortunas na Argentina durante o século XIX.

Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, n. 16, p. 225-248, Jan./Jul. 2014.

<http://revista.anphlac.org.br>

O problema do latifúndio foi apontado pela maioria dos viajantes e era considerado um entrave na realização do processo civilizatório na fronteira misionera.

Toda essa problemática nos ajuda a entender o grau de complexidade do processo civilizador em Misiones. Se por um lado, os viajantes e alguns setores políticos entendiam o Destino Manifesto Argentino como um ato patriótico, para os latifundiários, os interesses privados eram mais importantes que os valores de nação e civilização.

Referência Bibliográfica

ALBERDI, J. B. *Bases y punto de partida para la organización política de la Republica Argentina*. Washington: Insitituto Cato, 2013.

ALCARÁZ, A. D. *La gestación de una “elite local” durante la explotación yerbatera-maderera en el Alto Paraná (1870-1920) - Domingo Barthe: un representante paradigmático*. Posadas: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social - Universidad Nacional de Misiones, 2013.

ALCARÁZ, J. R. *La construcción del escenario misionero en los relatos de viaje entre 1880–1900*. Posadas: [s.n.], 2007.

AMABLE, M. A. *Historia de la Yerba Mate en Misiones*. Posadas: Ediciones Montoya, 1989.

AMABLE, M. A.; ROJAS, L. M.; BRAUNIG, K. D. *Historia Misionera: una perspectiva integradora*. Posadas: Montoya, 2011.

AMBROSETTI, J. B. *Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay*. La Plata: Talleres de Publicaciones del Museo, 1892.

AMBROSETTI, J. B. *Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú*. Buenos Aires: Publicado en el Tomo XV del Boletín del Instituto Geográfico Argentino, 1894.

AMBROSETTI, J. B. *Tercer Viaje a Misiones*. Buenos Aires: Editorial Albatroz, 2008.

AVILA, A. L. D. *E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em História do Programa de Pós-Graduação da UFRGS, 2006.

BASALDÚA, F. D. *Pasado - Presente - Porvenir del Territorio Nacional de Misiones*. La Plata: [s.n.], 1901.

BOLSI, A. S. C. El Primer Siglo de Economía Yerbatera. *Folia Historica del Nordeste*, Resistencia, 1980. 123-182.

Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, n. 16, p. 225-248, Jan./Jul. 2014.
<http://revista.anphlac.org.br>

BRUNO, P. *Un balance sobre los usos de la expresión generación del 80, 1920-2000*. Seminario Permanente del Departamento de Humanidades. Buenos Aires: Universidad de San Andrés. 2004. p. 1-35.

COMTE, A. Curso de Filosofia Positiva. In: MORAES FILHO, E. *Comte*. São Paulo: Ática, 1989.

FREITAG, L. D. C. Impressões de um dirigente: relatos e relatórios da Colônia Militar de Foz do Iguaçu nos anos de 1897-1898. *Revista de História Regional do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG*, Ponta Grossa, 2007. 191-224.

GALETTI, L. D. S. G. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo: Tese de Doutorado em História Social – FFLCH/USP, 2000.

GASPARINI, S. Notas de Viajes a Misiones de Eduardo Holmberg. In: HOLMBERG, E. L. *Viaje a Misiones*. Paraná; Santa Fé: Universidad Nacional de Entre Ríos; Universidad Nacional del Litoral, 2012. p. 337-343.

HERNÁNDEZ, R. *Cartas Misioneras*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1973.

HOLMBERG, E. L. *Viaje a Misiones*. Paraná; Santa Fé: Universidad Nacional de Entre Ríos; Universidad Nacional del Litoral, , 2012.

ÍSOLA, V. G. Semblanza de un hombre de Estado: Julio Argentino Roca, 1880-1914. In: VÁZQUEZ RIAL, *Buenos Aires 1880-1930. La capital de un imperio imaginario*. Madri: Alianza Editorial, 1996. p. 111-125.

JUNQUEIRA, M. A. *Ao Sul do Rio Grande - imaginário e América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

LEITE, M. M. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LISTA, R. *El Territorio de las Misiones*. Buenos Aires: Imprenta La Universidad de J.N. Klingelfuss, 1883.

OLMEDO, E. El silencio militar en la frontera del Río Cuarto a mediados del siglo XIX. Una clave para comprender el conflicto. *Revista Tefros*, Río Cuarto, 2006. 1-18.

O'SULLIVAN, J. Annexation, *United States Magazine and Democratic Review*, vol 17, número 1, Júlio-Agosto, 1845. Disponível em:

<<http://web.grinnell.edu/courses/HIS/f01/HIS202-01/Documents/OSullivan.html>>.

Acesso em: 29 Novembro 2013.

PASSETTI, G. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. São Paulo: Alameda, 2012.

PRATT, M. L. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, n. 16, p. 225-248, Jan./Jul. 2014.

<http://revista.anphlac.org.br>

QUIJADA, M. Repensando la frontera sur Argentina: concepto, contenido, continuidades y discontinuidades de una realidad espacial y étnica. *Revista de Indias*, Madrid, 2002. 103-142.

RATZEL, F. *Le razze umane*. [S.l.]: Unione Tipografico, 1891.

REGGINI, H. *Eduardo Ladislao Holmberg y la Academia*. Buenos Aires: Galápagos, 2007.

REGGINI, H. *Florencio de Basaldúa, Un Vasco Argentino*. Buenos Aires: Academia Nacional de Educación, 2008.

TURNER, F. J. O significado da fronteira na História Americana. In: KNAUSS, P. *Oeste Americano*. Niterói: Editora da UFF, 2004.

ZOUVI, S. La Federalización de Misiones. *historiapolitica.com*, 2010. Disponível em: <<http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/tn13.pdf>>. Acesso em: 5 Janeiro 2013.